

Daniel Lima – Lançando um raio de consciência múltiplex?

Ricardo Rosas

Um dos grandes estudiosos da cultura afro-diaspórica do século passado, o norte-americano W. E. B. Du Bois, via na cultura e no pensamento negro de sua época o que ele chamou de “consciência dupla”, uma sensação estranha, “essa sensação de estar sempre a se olhar com os olhos de outros”¹. Este mundo, segundo Du Bois, que não concede ao negro uma verdadeira consciência de si, permitindo-lhe ver-se por meio da revelação do outro mundo, uma vez que americano e negro, comparte uma duplicidade, duas almas, dois pensamentos, duas forças irreconciliáveis. Talvez esquizofrênica demais em sua veracidade antecipatória, a idéia da “consciência dupla” de Du Bois não vingou em estudos do começo do século XX, sua época, mas veio a ter destacada receptividade em nosso atual momento de estudos pós-coloniais, de realidades virtuais e pós-estruturalismo. A noção de consciência dupla tem algo a dizer num tempo em que movimentos identitários começam a ser confundidos com lutas por nichos específicos de mercado e em que já se fala de uma idéia de pós-identidade.

Como a teoria “queer” nos estudos gays e lésbicos, que questiona o binômio heterossexual vs. homossexual, a hipótese da consciência dupla também questiona uma noção de identidade única, propondo uma versatilidade que é aquela mesma da árdua e difícil adaptação dos cidadãos negros em um mundo pós-escravidão. Ela de certa forma também gerou uma teoria que ganha cada vez mais adeptos em estudos voltados para a etnia negra. Baseando-se em diversas facetas da cultura negra mais popular, ou pop mesmo, como a prática do “signifying” (afirmar uma coisa querendo dizer justamente o seu oposto), ou mesmo as aparições bizarras e subversoras de ficção científica em diversas produções da cultura negra contemporânea, seja na música negra em geral, do jazz ao hip hop, ao techno, ao drum’n’bass, ou em manifestações como o grafite, essa teorização tem sido chamada de afrofuturismo. Em princípio pouco convencional, o afrofuturismo envereda pela transdisciplinaridade e atravessa campos tão díspares quanto a ficção, a cibernética, a música ou o cinema. Um de seus teóricos mais destacados na atualidade é Paul D. Miller, o DJ Spooky, que lançou em 2004 o livro “Rhythm Science”, no qual, entre outras coisas, leva o conceito da consciência dupla a uma etapa posterior, defendendo a tese de que na verdade já não se viveria uma consciência dupla, mas uma consciência múltiplex.

Num contexto em que cada vez mais imergimos e somos definidos pelos dados que nos cercam, nesta cultura de fluxos informativos e dispersão de identidade, “afirmar uma consciência múltiplex não é negar a opressão racial que inspirou o interesse inicial de Du Bois pela dualidade”². Antes, trata-se do reconhecimento de padrões subjacentes ao próprio processo social, informacional e cultural em que se deu a inserção de uma população segregada cujas dualidades sobrepostas formam camadas, no qual ambientes de engenharia social, múltiplos fios narrativos e a identidade como uma cifra social são tropos numa cultura em que a cidade centrífuga conflitos culturais e exclusões, e em que a “ciência rítmica” da música negra adiciona diversas camadas de complexidade, seja pela cultura do DJ, do hip hop ou pela prática do sampling.

E por que tratar de todas essas questões de consciência, afro-diaspórica, dupla ou múltiplex, quando o objetivo aqui é abordar o trabalho de um artista como Daniel Lima? Talvez porque esta mostra trate de temas afro-diaspóricos, talvez até porque Daniel, sendo ele mesmo um filho dessa diáspora, não se prenda aos ditames identitários de descendente dessa diáspora, nem pela recuperação de uma suposta raiz afro, nem mesmo por algum exemplo mais abstrato de consciência dupla. Talvez então porque possamos encontrar em seu trabalho certos tipos de inserção, de interferência semiótica que violam e subvertem certos conceitos nos quais identidade, narrativa, tecnologia e informação podem se embaralhar e confundir.

Poderíamos acompanhar isso em alguns trabalhos anteriores do artista, como em “Scribe” e “Pichação Laser”, nos quais realizava pichações virtuais com laser portátil, transferindo a linguagem das ruas, o grafite e a pichação para outros espaços, com um suporte tecnológico incomum no seu equivalente de rua.

Daniel tem igualmente tomado parte de algumas iniciativas coletivas. É um dos fundadores do grupo A Revolução Não Será Televisionada, cujos programas em vídeo efetuavam uma colagem de experimentos de videoarte com certo sabor político ativista e cujo fio central era a narrativa em off de um guerrilheiro urbano com dúvidas existenciais. Os programas do grupo subvertiam a estética sedutora da MTV, por exemplo, numa intencionalidade política impensável para a citada emissora. Com seu arsenal de imagens, o grupo participou igualmente do festival Mídia Tática Brasil em março de 2003.

Ainda em 2003, Daniel viria a apresentar um trabalho em Roterdã, na exibição Gear Inside, onde se pendura na extremidade de uma ponte pênsil da cidade justamente no momento em que ela se ergue para a passagem de um navio. “Tudo que está no alto é como o que está embaixo. Tudo o que está embaixo é como o que está no alto” é o título do trabalho, e frase repetida pelo artista durante a ação, numa referência ao Hermes Trimegisto cantado por Jorge Ben. Lima invade um espaço de uso, sem propósito aparente, tendo chegado a atrair o questionamento da polícia local.

No final de 2003, na VIII Bienal de Havana, Daniel mais uma vez violou certos protocolos fechando uma praça gradeada da cidade, à noite, com correntes e cadeados nas portas de entrada e saída, para evidenciar o controle. Os “agentes” responsáveis pela guarda da praça foram trancados lá dentro, sendo obrigados, eles mesmos, a fazer um “ponto de fuga” para o local. A ação foi filmada pelo artista e, como clímax, Daniel, junto com seu irmão DJ de hip hop Eugênio Lima e o produtor musical Noizyman, realiza uma festa espetáculo com muito hip hop e imagens da violação-intervenção no telão. A ação faz parte de uma série denominada “Sem saída”.

Outra de suas ações, aparentemente sem sentido, foi uma série de fotos chamada “Blitz”, na qual pede a policiais para o fotografarem sorridente junto com outros policiais, série que mais tarde, em tamanho grande, viria a ser exibida na fachada do 7º Batalhão da PM em São Paulo. Dada a denunciada truculência dos policiais paulistanos com negros, a peça não deixa de ter um certo fundo irônico que o sorriso amarelo de Daniel não esconderá.

Mas foi também essa denunciada truculência policial com a população negra que motivou uma das últimas ações realizadas por Lima, em 2004. Por ocasião do evento Zona de Ação, no SESC Paulista, ele e seu grupo, junto com ativistas do movimento Frente 3 de Fevereiro, participaram de uma série de ações e intervenções questionando o racismo policial. O evento no SESC terminou com uma verdadeira performance de teatro e hip hop que encenava, entre outras coisas, o assassinato do jovem advogado negro Flávio Sant’Ana pela Polícia Militar de São Paulo.

Daniel também não abandonou suas pesquisas com raio laser. Tendo apresentado a primeira versão do trabalho com luz “Coluna Infinita” no Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte, foi no festival Sonarsound SP, em 2004, que realizou a sua “Coluna Infinita II – Opostos”, em que faz uma ponte, mesmo que virtual (ou só em laser), entre a favela e o centro financeiro paulistano. Da mesma maneira, “Coluna Laser III – Mar” pretende se perder no mar na direção da África, saindo do Solar do Unhão para a baía de Todos os Santos.

Ponte virtual, cruzando séculos de separação e diáspora, a coluna de laser pode, quem sabe, sofrer aqui uma certa comparação com aquelas torres virtuais que, no Ground Zero nova-iorquino, pretendem substituir as torres gêmeas. Afinal, não foram vários “11 de setembro” que vitimaram a população negra na história das Américas? Ainda que utópica, uma ponte de laser quem sabe uniria uma história fragmentada, seqüestrada por invasores alienígenas, numa diáspora mais que forçada.

Em nossa época de simulações e duplicações, de sampling e revisões, Daniel Lima não se prende em identidades fixas, não cultiva raízes, mas antes remixa técnicas, em ações desestabilizadoras de conceitos. Nele, como em outros contemporâneos seus, talvez possamos ver antes um estilhaçamento da identidade, e não sua defesa cega. Como pensa Kodwo Eshun, um dos luminares da teoria afrofuturista, o afrofuturismo “desestabiliza o que as pessoas pensavam que a identidade negra fosse, o que a identidade pop e identidade cultural fossem”³. Talvez devamos, também no caso de Daniel, antes ver a identidade como uma flutuação intermitente, como um foco de vetores diversos que se cruzam numa consciência multipolar, múltiplex.

1. DU BOIS, W. E. B. “As almas da gente negra”. Rio de Janeiro, Lacerda Editores, 1999, p. 54.
2. MILLER, Paul D. (aka DJ Spooky That Subliminal Kid). “Rhythm Science”. Cambridge, The MIT Press, 2004, p. 61.
3. LOVINK, Geert. “Interview with Kodwo Eshun”, publicada no site www.nettime.org, em 25 de julho de 2005 (acesso em 17 de janeiro de 2005). <http://www.nettime.org/nettime.w3archive/200007/msg00112.html>